

Do senso comum a formação crítica: ¡Antropologia, filosofia e sociologia são necessárias sim!.

Solange Beatriz Billig Garces y Elena Maria Billig Mello.

Cita:

Solange Beatriz Billig Garces y Elena Maria Billig Mello (2019). *Do senso comum a formação crítica: ¡Antropologia, filosofia e sociologia são necessárias sim!.* XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/2472>



Do senso comum a formação crítica: ¡Antropologia, filosofia e sociologia são necessárias sim!

Solange Beatriz Billig Garces
Elena Maria Billig Mello

Resumo

No Brasil, em tempos em que os gestores da educação nacional decretam a diminuição de investimentos na área de Ciências Humanas e Sociais e consideram que haverá extinção de cursos como Sociologia, Antropologia e Filosofia, nos questionamos: ¿Qual a importância dos cursos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e, da mesma forma, das disciplinas de Antropologia, Sociologia e Filosofia na formação dos profissionais de qualquer curso de graduação? Assim, considerando que vivenciamos um grave período de retrocesso e silenciamento de posicionamentos críticos urge tal reflexão. Portanto, o objetivo deste trabalho de revisão bibliográfica, com perspectiva qualitativa, será demonstrar o quanto disciplinas na área de Ciências Humanas e Sociais, como a Antropologia, Sociologia e Filosofia são importantes para a atuação de profissionais das mais diversas áreas, para que sua formação de fato seja integrada tanto de conhecimentos técnico-específicos da sua área prática de atuação, mas também de formação geral, baseada em conhecimento e postura crítico-reflexiva, para que se possa constituir um cidadão que faça frente a tudo o que se institui como (des/re)construção de espaços democráticos, de participação civil e de (in)justiças sociais. Para o embasamento teórico utilizaremos Freire, Baumann, Dussel, Santos, entre outros. Como professoras do ensino superior, entendemos a formação de egressos com perfil profissional não somente técnico, mas humano, solidário, sócio-político, solidário e a necessária capacidade para atuar no desenvolvimento social das comunidades e lutem sempre contra a colonização de ideias e pessoas.

Palavras-chave: Pensamento crítico-reflexivo. Educação. Humanidades. Formação crítica.

Introdução

Em períodos da história da humanidade em que vimos muitos retrocessos, especialmente com a ascensão do pensamento de extrema direita, em detrimento de um pensamento democrático e humanista, pensamos ser necessário trazer algumas reflexões importantes, para que a luta pela justiça social e a manutenção dos direitos fundamentais não se esvaziem.



Nesta seara, o Brasil, atualmente, vivencia um alinhamento de pensamento ideológico e ações já vividas em tempos em que prevaleceram, por parte dos governos, ações ditatoriais, de censura, de cortes de direitos, de absolutismos governamentais, entre tantas outras ações que flertam com os ideais fascistas.

Outro importante fator, que nos serve de alerta, são os cortes em investimentos na área da educação e, declaradamente na área de Ciências Humanas e Sociais com evidente propósito de extinção de cursos como Sociologia, Antropologia e Filosofia.

Assim sendo, questionamo-nos: ¿Qual a importância dos cursos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e, da mesma forma, das disciplinas de Antropologia, Sociologia e Filosofia na formação dos profissionais de qualquer curso de graduação? Portanto, considerando que vivenciamos um grave período de retrocessos e silenciamento de posicionamentos críticos urge tal reflexão.

Neste sentido é que o objetivo deste trabalho de revisão bibliográfica, com perspectiva qualitativa, é de demonstrar o quanto disciplinas na área de Ciências Humanas e Sociais, como a Antropologia, Sociologia e Filosofia são importantes para a atuação de profissionais das mais diversas áreas, para que sua formação de fato seja integrada tanto de conhecimentos técnico-específicos da sua área prática de atuação, mas também de formação geral, baseada em conhecimento e postura crítico-reflexiva, para que se possa constituir um cidadão que faça frente a tudo o que se institui como (des/re)construção de espaços democráticos, de participação civil e de (in)justiças sociais.

Para isso, estruturamos nossa reflexão a partir da seguinte arquitetura: a educação como meio de humanização; as contribuições da Antropologia, Sociologia e Filosofia para pensar a humanização e o pensamento crítico-reflexivo necessário para a formação geral do cidadão. Para este embasamento teórico, utilizaremos Freire, Baumann, Dussel, Santos, entre outros.

Como professoras do ensino superior, entendemos a formação de egressos com perfil profissional não somente técnico, mas humano, solidário, crítico-reflexivo, sócio-político, solidário e a necessária capacidade para atuar no desenvolvimento social das comunidades e lutem sempre contra a colonização de ideias e pessoas.



A Educação como meio de humanização

Estamos vivendo períodos de mudança na sociedade atual, especialmente de um período de uma dimensão concreta para uma outra líquida. Conforme Baumann (2007, pp. 7 - 9), os principais desafios desses tempos líquidos são: (1) a “passagem da fase sólida da modernidade para a líquida – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais [...] não podem mais manter sua forma por muito tempo [...], pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.[...]”; complementa com (2) “a separação entre o poder e a política”; (3) “a retração ou redução gradual, embora consistente da segurança comunal, endossada pelo Estado, contra o fracasso e o infortúnio individuais retira da ação coletiva grande parte da atração que esta exercia no passado e solapa os alicerces da solidariedade social”, sendo que a sociedade é cada vez mais [...] “tratada como uma rede em vez de uma estrutura (para não falar de uma totalidade sólida)”; (4) “o colapso do pensamento, do planejamento e da ação ao longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais [...], leva a um desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo [...]”; e (5) “responsabilidades em resolver os dilemas gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis é jogada sobre os ombros dos indivíduos.”.

Nesta mesma linha de pensamento, Baumann (2005, p.23) traz uma reflexão pertinente ao que propomos neste artigo ao colocar que “[...] você só tende a perceber as coisas e colocá-las no foco do seu olhar perscrutador e de sua contemplação quando elas se desvanecem, fracassam, começam a se comportar estranhamente ou o decepcionam de alguma outra forma”, como o caso do silenciamento da população a partir da não possibilidade de acesso aos conhecimentos das ciências sociais e humanas que possibilitam um olhar crítico sobre as tensões políticas mundiais e a leitura do favorecimento às elites. Nesse embrutecimento do poder é essencial (re)pensar nos processos de humanização.

Pensar na humanização nos remete a processos de constituição do ser nos aspectos antropológico, social, filosófico e político que vive e convive com outros seres na natureza viva e não-viva. Nas obras de Freire (1980, 1997, 2010), o processo de humanização é foco central, quando coloca que o humanismo está cultural e historicamente relacionado ao "ser mais" ontológico. Para o autor, a humanização ou o



"ser mais" como vocação ontológica do ser humano necessita ser revisitado e está em constante processo de luta.

[...] não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem. Por isso, é preciso fazer um estudo filosófico-antropológico. Começemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se submete o processo de educação. Qual seria este núcleo palpável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem (Freire, 1979, p. 27).

Para ele: "O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, [...] que nos estão condenando à desumanização." (Freire, 1997, p. 51). Desumanização essa que leva a descrença do projeto social democrático. Nesse aspecto, corroboramos com as colocações de Rios (2009, p.8):

[...] Desabaram os ideais utópicos, políticos, éticos e estéticos da modernidade que creditavam ao projeto iluminista a construção de um mundo melhor, movido pela razão humana. As pessoas, cada vez mais descrentes da política e das ideias revolucionárias que, na prática, deram poder a governos corruptos e incapazes de promover o bem da nação, não buscaram mais seus referenciais de identificação nos grandes coletivos sociais, mas sim em si mesmas.

Por outro lado, acreditamos nas possibilidades de (re)fazer o contexto posto, assim como da educação para a humanização, ambas relacionadas à ética freireana:

A concepção da Ética Universal em Freire está diretamente relacionada com a sua visão de natureza humana, que se faz e refaz na história. É o saber da História como possibilidade e não como determinação e do ser humano como potencialidade para ser sempre mais que fundamenta todo o processo educativo. O mundo não é algo pronto, acabado. O Mundo está sendo em um movimento que carrega possibilidades para os inéditos viáveis. (Zitkoski, Trombetta, & Alves, 2019, p. 201). (Grifo dos autores).

Ecco e Nogaro (2015, p. 3526) referem que "educação e humanização são termos indicotomizáveis, pois educar, em síntese, objetiva formar e 'trans-formar' seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos." Complementam, a partir da filosofia freireana, que a educação além de ser um processo gnosiológico, é também um ato político: "A politicidade da educação torna-se evidente na permanente reflexão referente ao 'o que fazer', 'para que fazer', 'quando' e 'para quem' fazer". (Ecco & Nogaro, 2015, p. 3528).



O ser inacabado e consciente dessa incompletude aspira “Ser Mais”, e inconcluso busca seu aprimoramento na educação. (Freire *apud* Ecco; Nogaro, 2015, p. 3532).

As contribuições da Antropologia, Sociologia e Filosofia para pensar a humanização

Santos (2007, p. 25) ao expressar que temos que reinventar as ciências sociais, sendo que essas são "um instrumento precioso" para as soluções dos problemas sociopolíticos na (re)constituição e fortalecimento da democracia. Para o autor, um dos problemas atuais diz respeito à discrepância entre a teoria e a prática social: "Para uma teoria cega, a prática social é invisível; para uma prática cega, a teoria social é irrelevante." (p. 20). Ele continua colocando que necessitamos da reflexão epistemológica do conhecimento mais global, na perspectiva de reinventar a emancipação social. Entende que "[...] não é simplesmente de um conhecimento novo que necessitamos; o que necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento. Não necessitamos de alternativas, necessitamos é de um pensamento alternativo às alternativas." (Santos, 2007, p. 20).

Ainda para Santos (2007), na modernidade ocidental, há dois tipos de conhecimentos: o conhecimento-regulação e o conhecimento-emancipação. Entendemos que os componentes curriculares Antropologia, Sociologia e Filosofia contribuem para ultrapassarmos o conhecimento-regulação, em que "ser ignorante é viver em um caos da realidade incontrolada e incontrolável" (p. 52), para o desenvolvimento do conhecimento-emancipação. Esse nos auxilia a ultrapassar a ignorância, ou a consciência ingênua (Freire, 1980) para o entendimento crítico da realidade de forma autônoma, reflexiva e solidária, o que o mesmo autor denomina de consciência crítica.

Nesse sentido, Dussel (2008, p.342) complementa que:

O filósofo crítico latino-americano, como concebido pela Filosofia da Liberação, assume a responsabilidade de lutar pelo outro, pela vítima, pela mulher oprimida pelo patriarcado, pela geração futura que vai herdar uma Terra devastada etc. - isto é, assume a responsabilidade por todos os tipos de alteridade. E o faz com uma consciência ética "situada", com a consciência de qualquer ser humano com "sensibilidade" ética e com capacidade de indignar-se quando reconhece a injustiça imposta ao outro.

Quando nos deparamos com a escalada mundial de um pensamento de extrema direita, que censura, que corta direitos, que enobrece o privado e desestrutura o público,



preocupa-nos pensarmos em estratégias de ação que possam fazer frente a isso. Dussel (2007, p. 9) frente a isso esclarece que:

[...] a atividade política se corrompeu em grande medida, em particular entre os países pós-coloniais, porque nossas elites políticas a 500 anos têm governado para cumprir com os interesses das metrópoles de plantão (Espanha, Portugal, França, Inglaterra e, hoje, os Estados Unidos). Considerar os de baixo, a comunidade política nacional, o povo dos pobres, oprimidos e excluídos, é tarefa que conta com pouca imprensa e prestígio.

Ainda de acordo com Dussel (2007) o conceito de política é muito mais amplo do que se costuma conhecer. Há um mundo existencial (que é ontológico) e um campo político (lógica do poder). Todo campo político é “[...] atravessado por forças, por sujeitos singulares com vontade e com certo poder.” E acrescenta que “cada sujeito, como ator, é um agente que se define em relação aos outros.” (p.18). Cabe ressaltar que Dussel (2007, p. 19) explicita também que:

Em cada campo tem grupos de interesses, de hierarquização; de manobras; com suas respectivas expressões simbólicas, imaginárias, explicativas. Pode-se efetuar, então, uma topografia ou mapa de diversas forças convocadas, com relação as quais o sujeito sabe atuar. [...] São estruturas práticas de poder da vontade e narrativas a se conhecer pela razão prática intersubjetiva.

Assim, trazemos essas colocações sobre política para que fique claro que entendemos que a “Política é acima de tudo uma ação vista do crescimento da vida humana da comunidade, do povo, da humanidade.” (Dussel, 2007, p. 78). E neste sentido cabe destacar a consciência crítica como um aspecto importante do princípio crítico democrático. Dussel (2007, p.99) contribui ainda, ao explicitar que:

Quando os oprimidos e excluídos tomam consciência de sua situação tornam-se dissidentes. A dissidência faz perder o consenso do poder hegemônico, o qual sem obediência, se transforma em poder fetichizado, dominado, repressor. Os movimentos, setores, comunidades que formam o povo crescem em consciência da dominação do sistema.

Portanto, entendemos que essas são as razões necessárias para que as disciplinas Antropologia, Sociologia e Filosofia continuem fazendo parte da formação escolar, para que possamos constituir cidadãos que conheçam a si mesmo e ao coletivo, nossa história, nossa evolução e nossa ciência, com ética e respeito ao próximo e à diversidade cultural. Ao mesmo tempo, constituindo, por meio desses conhecimentos, a



consciência crítica capaz de compreender o que é digno para todo o povo e não apenas para uma elite.

Nosso entendimento é de que as disciplinas citadas anteriormente são essenciais à práxis humana, como posto por Freire (1987, p. 70), de que “O seu quefazer, ação e reflexão, não pode dar-se sem a ação e a reflexão dos outros, se o seu compromisso é o da libertação”.

A Antropologia, a Sociologia e a Filosofia constituem-se na tríade necessária para a compreensão do homem sobre si mesmo, dos outros homens, da natureza viva e não-viva, do mundo na dialeticidade da práxis.

A Sociologia busca compreender todos os processos sociais em contextos multiculturais que são desafiados a compreender “estereótipos e preconceitos”, conforme referendam Vieira e Badia (2015, p. 263).

A Antropologia contribui com as reflexões sobre a heterogeneidade e a diversidade sociocultural e o pluralismo, fazendo com que haja a compreensão, por meio do relativismo cultural, abandonando “a postura etnocêntrica que faz do “diferente” um inferior e da diferença uma “privação cultural”. (Vieira & Badia, 2015, p. 251).

Já, a Filosofia vai fazer a reflexão sobre o sentido dado a vida, aos processos éticos do cotidiano, incluindo aí também os da própria ciência, tanto que questiona os princípios unívocos da razão instrumental, constituindo então outras possibilidades de construção do conhecimento, a partir dos conhecimentos populares, que na visão dessa ciência instrumental torna-se invisível, tal como definem Santos e Meneses (2010, p. 33-34) ao referirem que há uma linha abissal que separa esses conhecimentos:

A sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso.

Na sequência, refletimos, principalmente a partir de Boaventura de Souza Santos, sobre a humanização e formação para a cidadania crítico-reflexiva.

O pensamento crítico-reflexivo necessário para a formação/educação do cidadão.

Nesse sentido, entendemos a importância da formação sociológica, cultural, filosófica, política para estarmos e atuarmos de forma crítica e consciente no mundo em que



vivemos e convivemos com a natureza viva e não-viva. No entanto, temos que ter a humildade em reconhecer que não somos superiores e que o conhecimento é um processo constante; isso para não cairmos num processo ingênuo e nos tornarmos ignorantes ao que acontece ao nosso redor e no mundo em que estamos inseridos. Somos seres inconclusos e capazes de desenvolvermos nosso pensamento crítico-reflexivo. As ciências humanas e sociais proporcionam espaços de alargamento da consciência que amplia nosso olhar, que nos possibilita ultrapassar o senso comum e apreender o saber-fazer crítico.

Freire (2010) nos proporciona perceber o quanto somos seres inacabados, inconclusos, que estamos constantemente aprendendo com os outros, com a natureza; e, nesse movimento, constituímos-nos melhores seres e cidadãos no processo de formação individual e coletivo:

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias de formação, sem politizar não é possível. (Freire, 2010, pp. 57-58).

Para Santos (2003) há uma experiência social mais ampla e variada que a tradição científica ocidental que está sendo desperdiçada. Para combater esse desperdício da experiência, torná-la visível é necessário propor um modelo diferente de racionalidade: razão cosmopolita (subalterna). Para isso, propõe o resgate das experiências silenciadas, marginalizadas ou ativamente reduzidas à inexistência, por meio de uma sociologia das ausências (experiência desperdiçada); a identificação das experiências que apontavam para o futuro, através de uma sociologia das emergências; e, finalmente, uma teoria da tradução, que permitisse dar conta dos processos de produção de inteligibilidade mútua, de aliança, de convergência ou de articulação entre lutas, iniciativas ou movimentos e entre os saberes ou configurações de saberes que lhes são próprios.



Conforme Santos (2003) há uma produção da não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. O que une as diferentes lógicas de produção da não-existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional. A sociologia das ausências transforma objetos impossíveis em possíveis e transforma a ausência em presença.

Santos (2007) nos faz refletir que existem cinco modos de produção de ausências, oriundas da racionalidade ocidental que as ciências sociais compartilham. Sinteticamente, envolvem as seguintes monoculturas e, conseqüentemente, formas de ausência: do saber e do rigor - o ignorante (saber científico como único saber rigoroso); do tempo linear - o residual (a história tem um sentido e uma direção); da naturalização das diferenças - o inferior (ocultam hierarquias - racial, étnica, sexual etc., sem pensar diferenças com igualdade, sendo as diferenças sempre desiguais; expressão tão conhecida do autor (2003, p.56): "...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades."); da escala dominante - o local ou particular (sendo o global e universal hegemônico e o particular e local é invisível e descartável), por último, do produtivismo capitalista - o improdutivo (aplicado tanto ao trabalho como à natureza no crescimento econômico e na produtividade).

Por outro lado, em substituição a essas formas de ausências - monoculturas, Santos (2007, p. 32) nos propõe cinco ecologias, "[...] em que podemos inverter essa situação e criar a possibilidade de que essas experiências ausentes se tornem presentes."

As ecologias propostas por Santos (2007) servem para refletirmos a constituição do cidadão crítico-reflexivo: (a) a ecologia dos saberes: "[...] possibilidade de que a ciência entre não como monocultura mas como parte de uma ecologia mais ampla de saberes, em que o saber científico passa a dialogar com o saber laico, com o saber popular [...]", assim considerando os dois conhecimentos na constituição de "um saber ecológico" (pp. 32-33); (b) a ecologia das temporalidades, para ampliar a contemporaneidade na percepção de outras lógicas além do tempo linear; (c) a ecologia do reconhecimento das diferenças ao eliminarmos as hierarquias entre os seres humanos, com observância aos princípios da igualdade e da diferença; (d) a ecologia da "transescala", com possibilidade de articulação de projetos em escalas locais, nacionais e globais; como no dizer do autor: "Os antropólogos tratavam um pouco o local; os sociólogos e os cientistas



políticos, o nacional. Nesse quadro, tudo o que é local será embrionário se puder conduzir ao nacional: os movimentos locais são importantes se podem tornar-se nacionais.” (p. 36); (e) a ecologia das produtividades: “[...] consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas, das cooperativas operárias, das empresas autogestionadas, da economia solidária etc., que a ortodoxia capitalista ocultou ou desacreditou.” (Santos, 2007, p. 36).

Nessa proposta, o referido autor Santos (2000) explicita essas cinco ecologias como alternativa, cabe destacar a hegemonia da monocultura e o rigor do saber: critério único da verdade (ignorante; inculto), sendo sua proposta de contra hegemonia a Ecologia dos Saberes.

Na proposta de Santos (2010) precisamos descolonizar nossos conhecimentos científicos, desfamiliarizar as epistemologias do norte. As formas dominantes ocultam a realidade e a realidade é essencial para conhecermos as práticas sociais. Por isso, a Ecologia dos Saberes é essencial para compreendermos essas outras possibilidades de conhecimento que se apresentam para dar conta teoricamente da diversidade inesgotável do mundo e também para dar sentido às lutas pela emancipação social.

Cabe ressaltar que, nesta obra de Santos (2010), o trabalho de tradução consiste em criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis (sociologia das emergências) e disponíveis (sociologia das ausências), sem destruir a sua identidade. O objetivo da tradução entre saberes é criar justiça cognitiva a partir da imaginação epistemológica. O objetivo da tradução entre práticas e seus agentes é criar condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática. O trabalho de tradução cria as condições para emancipações sociais concretas de grupos sociais concretos num presente cuja injustiça é legitimada com base num maciço desperdício de experiência (Santos, 2010, p. 135).

Assim, uma das suas principais características é justamente a incompletude do conhecimento:

Não é juntando conhecimentos que a gente completa o conhecimento. Juntando conhecimentos ficamos mais conscientes do quanto incompleto é nosso conhecimento. Só se sente muito conhecedor quem é ignorante. Por isso a incompletude do conhecimento é fundamental e podemos dizer que todas as formas de conhecimento são incompletas (Santos, 2010, p. 136).



Nesse sentimento de que apresentamos nossas reflexões preliminares, pois entendemos, como Santos que a educação/formação para a humanização, na perspectiva crítico-reflexiva, perpassa pelos diferentes saberes constitutivos nos âmbitos local-nacional, envolvendo conhecimentos antropológicos, sociológicos, filosóficos e tantos outros na constituição múltipla de “uma democracia sem fim”.

Reflexões Finais

Retomamos nosso questionamento inicial em relação à importância dos cursos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais e, da mesma forma, das disciplinas de Antropologia, Sociologia e Filosofia na formação dos profissionais de qualquer curso de graduação.

Procuramos, com a fundamentação de autores de linha epistemológica crítica reafirmar que a constituição da humanização e do “Ser Mais” do sujeito-cidadão, na perspectiva ontológica freireana, e a reconfiguração dos diferentes saberes, com a epistemologia de Santos pela sociologia insurgente, denominada de Sociologia das Emergências, como “[...] sinais, pistas, latências, possibilidades que existem no presente e que são sinais de futuro [...]” (p. 37), que “produz experiências possíveis, que não estão dadas porque não existem alternativas para isso, mas são possíveis e já existem como emergência”. (p. 38).

Reafirmamos essa emergência nas disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais (Antropologia, Sociologia e Filosofia) como essenciais para a constituição da cidadania crítico-reflexiva, para a formação democrática e solidária, para que como cidadãos possamos ter a possibilidade de compreender e fazer a leitura do mundo, insurgindo-se justificadamente contra injustiças sociais e lutando cada vez mais pela possibilidade de emancipação humana.

Referências

- Baumann, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Baumann, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DAMO, A; VELEDA MOURA, D.; GAUDERIO CRUZ, R. Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade. In: **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, enero, 2011. Disponível em www.eumed.net/rev/cccss/11/
- Dussel, E.(2008). Philosophy of Liberation, the Postmodern Debate, and Latin American Studies. In: Moraña, M. Dussel, E Jáuregui, A. (Eds.). *Coloniality at large: Latin American and the Postcolonial Debate*. Durham: Duke University Press, p. 335-349.



- Dussel, E. (2007). *20 tesis sobre política*. São Paulo: Expressão Popular.
- Ecco, I.; Nogaro, A. (2015). A Educação em Paulo Freire como processo de humanização. *Anais... EDUCERE*. XII Congresso Nacional de Educação Paraná, Curitiba, UFPR.
- Freire, P. (1979). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [3.ed.] São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, P.(1987). *Pedagogia do Oprimido*. [17.ed.]. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2010). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41.reimp. São Paulo: Paz e Terra.
- Rios, I. C. (2009). *Caminhos da humanização na saúde: prática e reflexão*. São Paulo: Áurea Editora.
- Santos, B. de S. (2003). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, B. de S.(2007). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.
- Santos, B. de S.; Meneses, M. P. (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. de S.(2016). *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo.
- Vieira, K.A.L.; Badia, D.D. (2015). O ensino de antropologia nos cursos de pedagogia: caminhos para a diversidade. *Práxis Educacional*, 11(20), p. 247-269 ,set./dez.
- Zitkoski, J., Trombetta, S. & Alves, J. E. (2019). Os Fundamentos Éticos da Pedagogia Libertadora segundo Paulo Freire. *Revista Eletrônica de Ciências Contábeis*, 8(2).